



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

ST 1: ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS SOBRE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A LEITURA PÓS-MODERNA NO DEBATE SOBRE SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO

THE POSTMODERN READING IN THE DEBATE ABOUT SOCIETY AND DEVELOPMENT

Felipe Guerim PIENIZ¹, Ana Maria Becker TEIXEIRA²

Resumo:

O pós-modernismo é um movimento de classe que se inicia na era de ouro do capitalismo do “bem-estar” e está em crise na atualidade com a queda das taxas de lucro do capital. Dentre as diversas faces que o movimento apresenta, este artigo tem o objetivo de contribuir para o esclarecimento de suas concepções sobre sociedade e desenvolvimento, a partir de uma pesquisa bibliográfica, na perspectiva do materialismo histórico. O texto está dividido, além da introdução, em mais seis partes: a primeira situa o dissenso modernidade *versus* pós-modernidade; a segunda apresenta a principal premissa pós-moderna, a sociedade concebida como “jogos de linguagens”; a terceira discute as implicações de considerar a sociedade como “jogos de linguagem” na leitura pós-moderna sobre epistemologia, cultura, identidade, economia e política; a quarta parte relaciona a crítica da modernidade à crítica do desenvolvimento; a quinta apresenta as características da “esquerda pós-moderna” na atualidade e suas implicações nas discussões sobre economia política e perspectivas de desenvolvimento; e ao final são apresentadas as considerações finais. Foi constatado que a leitura pós-moderna busca simplesmente renunciar aos debates sobre sociedade e desenvolvimento, propondo saídas individualizadas e segmentada. Baseadas em um emaranhado de contradições, as teorias pós-modernas não contribuem para a construção de um projeto de desenvolvimento socioeconômico, pelo contrário, acabam prejudicando qualquer possibilidade de crítica à exploração dos trabalhadores pelo capital.

Palavras-chave: Modernidade. Pós-modernidade. Desenvolvimento. Pós-desenvolvimento.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo. Engenheiro Sanitarista e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina; e-mail: fgpieniz@gmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo; Licenciada em História pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus Santo Ângelo; e-mail: anabecke@hotmail.com



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Abstract:

Postmodernism is a class movement that begins in the golden age of “well-being” capitalism and is currently in crisis with the fall in capital profit rates. Among the diverse faces that the movement presents, this article aims to clarify its conceptions about society and development, from a bibliographic research, from the perspective of historical materialism. The text is divided beyond the introduction into six more parts: the first situates the dissent between modernity versus postmodernity; the second presents the main postmodern premise, society conceived as “language games”; the third discusses the implications of considering society as “language games” in postmodern reading on epistemology, culture, identity, economics and politics; the fourth part relates the critique of modernity to the critique of development; the fifth presents the characteristics of the “post-modern left” today and its implications for discussions on political economy and development prospects; and at the end the final considerations are presented. It was found that postmodern reading seeks simply to renounce debates about society and development, proposing individualized and segmented solutions. Based on a tangle of contradictions, postmodern theories do not contribute to the construction of a socioeconomic development project, on the contrary, they end up damaging any possibility of criticism of the exploitation of workers by capital.

Keywords: Modernity. Postmodernity. Development. Post-development.

INTRODUÇÃO

O surgimento do capitalismo do “bem-estar” na década de 1950 e seu sucesso na era de ouro do capital (1950-1980) desmobilizou a classe operária como força de oposição, deixando aos intelectuais e estudantes da época a tarefa de fazer resistência aos avanços do capital. Mas, diante do novo cenário socioeconômico, naquele momento tais intelectuais, ao invés de persistirem nas análises baseadas na história das condições materiais da sociedade, acabaram deixando-se levar por teorias que atendiam seus interesses de classe. Neste contexto surgiram as teorias pós-modernas. Um movimento de classe que tem seu auge na queda do Muro de Berlin (1989), quando atenuaram-se os conflitos entre liberais e socialistas, e sua crise no momento atual, com a redução das taxas de lucro do capitalismo do “bem-estar”.

O conceito “pós-modernidade” ainda é motivo de divergência no mundo acadêmico. Para Jean-François Lyotard, um dos mais importantes filósofos da França na discussão sobre a pós-modernidade, a “condição pós-moderna” caracteriza-se pelo fim das “metanarrativas”, pois nem mesmo a ciência já não poderia ser considerada como a fonte da verdade. Para o crítico marxista norte-americano Fredric Jameson (1996), a pós-modernidade é a “lógica cultural do capitalismo tardio”. Já o sociólogo e filósofo polonês Zigmund Bauman prefere usar a expressão “modernidade líquida”, que, para ele, se define como uma realidade ambígua, multiforme, onde tudo o que é sólido se desmancha no ar. E ainda Habermas relaciona o conceito de pós-modernidade a tendências políticas e culturais neoconservadoras, determinadas a combater os ideais iluministas.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Além das múltiplas definições sobre o tema, ou melhor, da inconsistência do movimento e sua forma de atuação, é ainda mais difícil compreender suas perspectivas de desenvolvimento. Por isso este texto, através de uma pesquisa bibliográfica, tem o objetivo de contribuir na discussão sobre a pós-modernidade e esclarecer, na perspectiva do materialismo histórico, suas características e suas concepções sobre sociedade e desenvolvimento. O texto está dividido além desta introdução em mais seis partes: a primeira situa o dissenso modernidade *versus* pós-modernidade; a segunda apresenta a principal premissa pós-moderna, a sociedade concebida como “jogos de linguagens”; a terceira discute as implicações de considerar a sociedade como “jogos de linguagem” na leitura pós-moderna sobre epistemologia, cultura, identidade, noção de tempo e espaço, economia e política; a quarta parte relaciona a crítica da modernidade à crítica do desenvolvimento; a quinta apresenta as características da “esquerda pós-moderna” na atualidade e suas implicações nas discussões sobre economia política; e ao final são apresentadas as considerações finais.

Modernidade e pós-modernidade

Apesar das conceituações diversas, um ponto que parece sempre unânime nas formulações a respeito da pós-modernidade é o questionamento do projeto moderno. Para Conceição (2017, p. 8) “o pensamento pós-moderno, se afirma como contrário, negação, em relação às ideias e categorias da modernidade”. Segundo Eagleton, podemos afirmar que tanto teórica quanto historicamente, as promessas e as realizações da modernidade são agora colocadas em dúvida (EAGLETON, 1998). Sá complementa, “se há pouquíssimas certezas sobre o que, de fato, é proposto em suas múltiplas perspectivas, o questionamento do paradigma moderno é uma das poucas convicções pós-modernas” (SÁ, 2006, p.42). Assim, a referência necessária para a compreensão da “pós-modernidade” é da própria “modernidade”.

A modernidade é entendida como um conjunto de ideias e visões de mundo relacionadas ao projeto empreendido a partir da Revolução Industrial, ou ainda, a partir da Revolução Francesa, que é normalmente relacionado com o desenvolvimento do capitalismo e com a ascensão da burguesia como classe dominante. Este movimento promoveu a superação da cultura teocêntrica, do irracionalismo e da compreensão do homem como parte diferenciada da natureza e inaugurou a Razão moderna, tida como grande conquista iluminista e como alicerce do projeto moderno.

A fé inabalável no progresso por meio da razão e os ideais de emancipação são os sustentáculos da modernidade, uma vez que “a autonomia intelectual é o ideal mais grandioso do projeto moderno e a razão, seu emblema” (SÁ, 2006, p. 42). A modernidade afetou todas as dimensões da vida em sociedade, pois na economia, consolidou o modelo econômico capitalista; na política, fez surgir o Estado moderno; na cultura é responsável pelo desencantamento do mundo em função da racionalização do pensamento, desvinculando a ciência da moral e a arte da religião e revelando a capacidade do homem livre e o desenvolvimento do pensamento com dimensão emancipatória (SÁ, 2006).

Coutinho (2010), explica ainda que o projeto da modernidade é construído sobre o tripé do humanismo, do historicismo concreto e da Razão dialética e complementa que, ao negar qualquer um destes três elementos, nega-se também a modernidade.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

O humanismo, a teoria de que o homem é um produto de sua própria atividade, de sua história coletiva; o *historicismo concreto*, ou seja, a afirmação do caráter ontologicamente histórico da realidade, com a consequente defesa do progresso e do melhoramento da espécie humana; e, finalmente a *Razão dialética*, em seu duplo aspecto, isto é, o de uma racionalidade objetiva imanente ao desenvolvimento da realidade (que se apresenta sob a forma da unidade dos contrários), e aquele das categorias capazes de apreender subjetivamente essa racionalidade objetiva, categorias que englobam, superando, as prove do “saber imediato” (intuição) e do “entendimento” (intelecto analítico). (COUTINHO, 2010, p.14).

Entretanto, esse movimento progressista que deu origem ao projeto moderno foi questionado e abandonado inclusive pela sua classe criadora, a burguesia, a qual passa a apresentar-se como uma classe conservadora mediante os movimentos proletários que despontam na Europa durante meados do século XIX. Assim, a burguesia, agora classe dominante, abandona as lutas e ideologias anteriores e o humanismo, o historicismo e a Razão dialética deixam de ser reconhecidos por ela como instrumentos capazes de fundar cientificamente a ética e a ontologia (BEZERRA, 2009).

Esse tripé ideológico dá lugar ao hiperindividualismo que nega a sociabilidade do homem e a uma lógica conservadora, preocupada em legitimar o sistema capitalista vigente. A autonomia intelectual e emancipatória, é substituída pelo reencantamento do mundo. A política e a economia transformam-se em estruturas corroídas pelos interesses hegemônicos do mercado contemporâneo. Os valores universais perdem espaço para particularismos nacionais, culturais, raciais e religiosos (SÁ, 2006).

A crise do ideário modernidade se agrava com derrubada do Muro de Berlim e o fim do chamado Socialismo Real, pois este representado uma tentativa de manutenção dos ideais modernos através da revolução proletária. “Essa crise que se dá no plano do pensamento e se expressa com o avanço da chamada perspectiva pós-moderna cumpre uma função legitimadora do capitalismo em sua nova fase financeirizada e mundializada” (EVANGELISTA, 2007 *apud* CONCEIÇÃO, 2007 p. 8).

Em meio a essas grandes crises ideológicas que ganham força as perspectivas pós-modernas. Tanto capitalismo quanto socialismo, cada um a seu modo, conforme afirma Bezerra, (2009, p. 4) “teriam decretado o fim daquele projeto de modernidade anteriormente traçado”. Teóricos com ideologias “de direita” ou “de esquerda” procuram saídas “pós-modernas” para estas crises, o que vai justificar também a heterogeneidade destas perspectivas. Kumar (2006) acrescenta ainda que:

[...] a pós-modernidade é tão surpreendente e eclética em suas origens como é sintética e sincrética em suas manifestações. Um claro reflexo disso está no fato de contradições e circularidade serem aspectos valorizados em suas versões mais polêmicas. (KUMAR, 1997 *apud* Sá, 2006, p.48).

Entretanto, apesar dessa multiplicidade, como já mencionado, alguns pontos são comuns entre todos os pós-modernos, em especial no que se refere aos princípios básicos da modernidade como a racionalidade, totalidade, universalidade, historicismo e as grandes explicação da sociedade, o que o pós-modernos chamam de metanarrativas.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Dentre todos os fundamentos da modernidade o grande alvo da crítica pós-moderna é a Razão moderna. Para os pensadores pós-modernos, a realidade se fragmentou de forma irrecuperável, não sendo mais possível existir uma verdade e uma racionalidade sobre ela, cabendo a eles uma produção fragmentada sem a possibilidade de uma orientação teórica mais ampla (BEZERRA, 2009). Diante dessa fragmentação, a saída pós-moderna é trabalhar com racionalidades e necessidades locais, o que Bezerra vai chamar de mini-racionalidades, construídas em espaços micro, sem a necessária relação de totalidade, já que esta é vista como totalitarismo.

Nesse mesmo sentido, não existe para os pós-modernos, um sistema total a ser compreendido e transformado e se existe, este fica numa condição de “inutilidade”. Eagleton (1998) explica essa antitotalidade:

Talvez a antitotalidade refira-se aqui mais a uma questão estratégica que teórica: pode muito bem haver algum tipo de sistema total, mas, uma vez que nossas ações políticas não conseguem combatê-lo como um todo, o melhor conselho seria então que dançássemos conforme a música e partíssemos para projetos mais modestos porém mais viáveis. [...] Não buscar a totalidade representa apenas um código para não se considerar o capitalismo. (EAGLETON, 1998, p. 20).

Ainda, na mesma lógica, a universalidade é categoria de crítica pós-moderna, pois representa uma desconsideração com os mais diversos particularismos, tão valorizados pela pós-modernidade. A ideia de que as pessoas são iguais, antes uma concepção revolucionária, passa a ser algo conservador, autoritário e excludente. Nessa perspectiva, a universalidade desconsidera as diferenças e particularidades dos diversos grupos que formam a sociedade, fazendo com que estes percam suas identidades (BEZERRA, 2009).

Esse caráter fragmentador e fugaz do pensamento pós-moderno recai sobre a sua percepção sobre a história. Para os pós-modernos, a história é entendida como aleatória e descontínua. Não é resultado de um processo de intencionalidade do ser humano e também não apresenta qualquer relação causal entre um momento e outro, caracterizando-se como mutável, múltipla e aberta, marcada por descontinuidades.

Assim como nega a história, o pós-modernismo nega também a capacidade do homem de explicar a realidade a partir de grandes teorias. Essa concepção é contrária à ideia de que existam narrativas únicas explicam na totalidade a vida social. O já mencionado apego pós-moderno ao local e aos particulares, justifica a percepção de que a compreensão da realidade abarca uma pluralidade de relatos e uma multiplicidade de micronarrativas, conforme será melhor esclarecido na sessão que segue.

Jogos de linguagem e metanarrativas

Jean-François Lyotard em seu livro “A condição pós-moderna” (1979) caracterizou a era pós-moderna como uma que perdeu a fé em todas as grandes metanarrativas totalizantes; voltando-se então às pequenas narrativas, como a história da vida cotidiana e dos grupos marginalizados. Lyotard (2009) comparou discursos a jogos de linguagem, uma noção desenvolvida numa obra anterior



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

de Ludwig Wittgenstein (1889–1951), baseando seu método de análise da sociedade em dois princípios: o primeiro “[...] é que falar é combater, no sentido de jogar, e que os atos de linguagem provêm de uma agonística geral” (LYOTARD, 2009, p. 17); o segundo “[...] é que o vínculo social observável é feito de ‘lances’ de linguagem” (LYOTARD, 2009, p. 17). Ou seja, como os jogos de linguagem, os discursos são sistemas discretos de atividade governada por regras que envolvem a linguagem. Logo, não havendo um conjunto comum de suposições em relação às quais suas reivindicações ou pontos de vista conflitantes possam ser julgados. Não há razão universal ou verdade. Os discursos são, na maior parte, incomensuráveis. Lyotard (2009) explica:

Simplificando ao extremo, considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus atores (*functeurs*), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagens narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando com sigilo validades pragmáticas *sui generis*. Cada um de nós vive em muitas destas encruzilhadas. Não formamos combinações de linguagem necessariamente estáveis, e as propriedades destas por nós formadas não são necessariamente comunicáveis. (LYOTARD, 2009, p. XVI).

Com isso, para Lyotard (2009) o imperativo básico da política pós-moderna é criar comunidades nas quais a integridade dos diferentes jogos de linguagem é respeitada - comunidades baseadas em heterogeneidade, conflito e dissenso.

Assim, nasce uma sociedade que se baseia menos numa antropologia newtoniana (como o estruturalismo ou a teoria dos sistemas) e mais numa pragmática das partículas de linguagem. Existem muitos jogos de linguagens diferentes; trata-se da heterogeneidade dos elementos. Somente darão origem à instituição através de placas; é o determinismo local. (LYOTARD, 2009, p. XVI).

São muitas as críticas à Lyotard e sua concepção de metanarrativas. Destaca-se em especial o livro “A condição pós-moderna” (1989) de David Harvey, que faz uma crítica à teoria pós-moderna em defesa do materialismo histórico. Para Harvey, nos termos pós-modernos não há diferença entre verdade, autoridade e sedução retórica; “[...] quem tem a língua mais macia ou a conversa mais atraente tem o poder” (HARVEY, 2013, p. 112). Assim, aceitar essa fragmentação, o pluralismo e a autenticidade de outras vozes e outros mundos traz o problema da comunicação e dos meios de exercer o poder através do comando (HARVEY, 2013). Harvey ainda aponta o antagonismo nas concepções de consenso e justiça de Lyotard. “O consenso tornou-se um valor ultrapassado, e suspeito. A justiça, porém, não o é. É preciso chegar a uma ideia e a uma prática de justiça que não seja relacionada a do consenso” (LYOTARD, 2009, p. 118). Diante dessas afirmações, Harvey (2013) diz que não seria possível qualquer ideia de justiça sem que haja um mínimo de consenso entre os indivíduos.

Por essas e outras contradições, Harvey afirma que a metateoria, em especial o capitalismo, não pode ser simplesmente descartada pelos pós-modernos; ela continuará funcionando, porém, de



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

maneira imperceptível. Desse modo a retórica do pós-modernismo é perigosa pois “evita o enfrentamento das realidades da economia política nas circunstâncias do poder global” (HARVEY, 2013, p. 112). Assim,

[...] essas mudanças [de práticas culturais, bem como político-econômicas], quando confrontadas com as regras básicas de acumulação capitalista, mostram-se mais como transformações da aparência superficial do que como sinais do surgimento de alguma sociedade pós-capitalista ou mesmo pós-industrial inteiramente nova. (HARVEY, 2013, p. 7).

Mas, mesmo com incoerências, a partir das teorias dos jogos de linguagem e das metanarrativas surgiram um conjunto de ramificações que se apresentam na tentativa de dar um novo formato à sociedade e seus complexos, um “projeto pós-moderno”, conforme discutido no item seguinte.

O “projeto pós-moderno”

A crise que dá origem ao pensamento pós-moderno reflete em muitos aspectos do pensamento social, inclusive na concepção de ciência. Assim, para os pós-modernistas, a busca pela verdade, a crença na ciência como fonte dessa verdade e a visão antropocêntrica do homem em relação ao saber – características da ciência moderna são aspectos questionados por essa nova concepção.

Márcio Gomes Sá (2006) afirma que “enquanto a modernidade busca o consenso em torno de uma forma de se fazer ciência, a pós-modernidade irá valorizar o dissenso. As metas-narrativas e as afirmações com caráter de leis já não são mais tidas como pertinentes” (SÁ, 2006, p. 50). Ou seja, como já mencionado, as grandes teorias homogeneizadoras de explicação da sociedade, tão valorizadas durante a era moderna, agora deixam de ter valor, pois, a episteme pós-moderna, se legitima pelo heterogêneo, pela diferença (SÁ, 2006). Assim, as “narrativas modestas”, conforme Lyotard (1999), são alternativas para atender ao forte grau de fragmentação, pluralismo e individualismo característicos da sociedade pós-moderna.

Essa fragmentação atinge a sociedade contemporânea, que além dessa característica, também apresenta um alto grau de individualismo e pluralismo. A individualidade e a subjetividade são princípios fundamentais para essa concepção. Além disso, a categoria classe deixa de ser relevante, e a interpretação da realidade é feita através dos indivíduos e não mais da sociedade (SÁ, 2006).

Já a dimensão cultural eclode e ganha força, tornando-se o setor privilegiado na pós-modernidade. A partir da década de 1980, desenvolve-se um processo de construção de uma cultura em nível global, na qual a pós-modernidade, se insere como um conjunto de valores que orientam a produção cultural. Entre estes, a multiplicidade, a fragmentação, a falta de referências e a entropia. Assim, a própria globalização mostra-se contraditória e fluída, pois valoriza identidades culturais locais dentro de um contexto global, promovendo a aceitação e valorização de todos os estilos, a fim de transformar todas as culturas em mercados consumidores.

No plano econômico a pós-modernidade se manifesta por uma mundialização do capitalismo. Onde as indústrias financeiras, de serviços e de informação e comunicação assumem posições centrais na organização da materialidade, triunfando sobre a produção tradicional (JOVINO, 2014) e produzindo informação, serviços e cultura “pronta para consumo”. Sá (2006, p.55) afirma que



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

“esta nova concepção se apoia na flexibilidade dos processos e mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo”. O consumismo ávido e nunca satisfatório é o combustível da pós-modernidade.

A política pós-moderna é marcada pelo fracasso (FRAGA, 2011). Esta amarga uma profunda crise de legitimidade, pois sucumbe à incapacidade de articular um plano global, com objetivos abrangentes, limitando-se a demandas segmentares ou particulares (JOVINO, 2014), assim os partidos políticos de massa acabam por ceder espaço aos novos movimentos sociais.

Ao priorizar tópicos como etnicidade, sexualidade, gênero entre outras causas, a lógica pós-moderna apresenta uma nova pauta política, substituindo as prioridades modernas como classe, Estado, ideologia, revolução, modos produção, etc. Não se questiona a relevância dessas novas pautas políticas, porém a problemática está no abandono das questões políticas clássicas, tais como por que a maioria das pessoas não dispõe do suficiente para comer, não tem moradia digna, emprego ou atendimento a saúde e acesso a educação.

Sobre esse aspecto Eagleton (1998) complementa:

A política do pós-modernismo significou ao mesmo tempo enriquecimento e evasão. Se eles lançaram questões políticas novas e vitais, isto se dá, em parte, porque bateram em retirada diante de impasses políticos mais antigos. (EAGLETON, 1998, p. 23).

Essas novas lutas políticas, na concepção pós-moderna, além de não apresentarem um caráter revolucionário, estão deslocadas da luta de classes, o que acaba por relegar á segundo plano os aspectos de totalidade. As lutas de gênero e étnicas/raciais, apesar de se constituírem como lutas importantes que ainda temos a travar na realidade social, quando deslocadas da vida social ou fragmentadas a interesses de minorias, jamais tornam-se hegemônicas e transformam a realidade social, e nem de longe arranham a ordem capitalista. Conceição (2007) complementa:

O subjetivismo pós-moderno quebra radicalmente a possibilidade de organização política crítica, e impede a compreensão da totalidade da vida social. Obscurece a práxis ontológica do ser social, e veda a racionalidade crítica do homem capaz de reconstituir o real, no pensamento, e revelar a essência e com ela compreender as múltiplas determinações da realidade social objetiva. (CONCEIÇÃO, 2007, p.11).

Já no tocante à ideia de desenvolvimento, o projeto pós-moderno vai de encontro ao chamado pós-desenvolvimento, conforme discutido no item que segue.

Pós-modernidade e pós-desenvolvimento

De acordo com Radomsky (2011), no campo de estudos sobre desenvolvimento as teorias pós-modernas estão associando-se nas últimas décadas à corrente chamada “pós-desenvolvimento”. Essa corrente, que se consolidou nos anos 1990, contesta as teorias sobre desenvolvimento e políticas públicas exatamente por não acreditarem na eficácia das transformações planejadas da sociedade, denominando-as como narrativas e práticas de poder (RADOMSKY, 2011). Para tanto,



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

essa corrente utiliza especialmente a perspectiva de Michel Foucault sobre a governabilidade, assumindo que poder e conhecimento são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais.

Para provar essa associação Radomsky (2011) aponta três pontos de contato entre a crítica da modernidade e do desenvolvimento. Primeiro, a premissa que associa modernidade à colonialidade assume que o desenvolvimento do capitalismo se funda e mantém-se no colonialismo europeu. Assim,

[...] como resultado de séculos de colonialidade, [...] as premissas que orientaram políticas de desenvolvimento nasceram de um passado longínquo de diferença com violência, cujo horizonte jamais suspendeu a subalternidade da relação. Ademais, nas últimas décadas com o advento da globalização o discurso do desenvolvimento adquiriu um formato associado ao caráter mundializado das relações de mercado e às formas neoliberais de governo, eventualmente com a substituição dos programas planejados e centralizados por intervenções em forma de ajustes econômicos estruturais, [...] (RADOMSKY, 2011, p. 157).

O segundo ponto de contato está no afastamento da discussão sobre a economia (como os debates sobre um modelo econômico mais justo) dando preferência aos problemas relacionados aos dispositivos de poder culturais e gnosiológicos (RADOMSKY, 2011, p. 158); ou seja, aproximam-se à perspectiva que compara os discursos a jogos de linguagens. O terceiro ponto refere-se à tentativa de mudar o conceito de desenvolvimento, ou melhor, no caso limite, anulá-lo; e assim fugir das concepções de desenvolvimento humano e material (RADOMSKY, 2011, p. 158).

Com isso, assumindo a retórica pós-moderna, Radomsky (2011, p. 159) conclui que os principais objetivos do pós-desenvolvimento são “[...] superar o ‘desejo do desenvolvimento’ difundido pela narrativa do desenvolvimento e suas promessas [...]” e transformar “[...] o desenvolvimento como narrativa generalizante e associada à modernidade/colonialidade, e recentemente à globalização, para uma abertura em direção aos processos locais, diferenciados, heterogêneos e endógenos, quiçá autônomos, de desenvolvimento”. Assim é minada qualquer ideia de desenvolvimento da totalidade da sociedade, ou seja, o pós-desenvolvimento dissolve as perspectivas de desenvolvimento do ser social.

Esquerda pós-moderna

Apesar dos teóricos pós-modernos não assumirem um posicionamento no espectro político – esquerda ou direita – em virtude da negação das metateorias, para a corrente marxista, o movimento é comumente chamado de “esquerda pós-moderna”, visto a sua tentativa de caráter revolucionário. Ellen Meiksins Wood explica a ascensão da esquerda pós-moderna e suas concepções a partir das relações socioeconômicas entre as classes sociais. Conforme Wood (1996), o surgimento do capitalismo do “bem-estar” e do “consumidor” – décadas de 1950, 1960 e 1970 – desmobilizou a classe operária como força de oposição, deixando aos intelectuais e estudantes da época a tarefa de fazer resistência aos avanços do capital. Mas diante do cenário socioeconômico, tais intelectuais ao invés de persistirem nas análises baseadas na história das condições materiais da sociedade, acabaram deixando-se levar por teorias que atendiam seus interesses de classe naquele momento. Então



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Wood faz uma crítica aos teóricos da atualidade que insistem nas teorias pós-modernas mesmo depois de novas crises do capitalismo.

Para alguns, isso quer dizer que as oportunidades de oposição ao capitalismo estão severamente limitadas. Outros parecem dizer que, se não podemos realmente transformar ou sequer entender o sistema (ou mesmo pensar nele enquanto sistema) e se não dispomos ou somos incapazes de dispor de uma perspectiva por meio da qual criticar o sistema, que dirá fazer oposição a ele, é melhor relaxar e aproveitar. Os expoentes dessas tendências intelectuais certamente sabem que nem tudo está bem; mas pouco existe nesses modismos que ajude, por exemplo, a entender a pobreza e a falta de moradia hoje crescentes, a classe de trabalhadores pobres cada vez maior, as novas formas de trabalho inseguro e de tempo parcial, e assim por diante. (WOOD, 1996, p.122).

Com isso, Wood (1996, p. 123) apresenta as principais características da esquerda pós-moderna na atualidade: ênfase na linguagem, na cultura e no “discurso” em detrimento das preocupações “economicistas” tradicionais da esquerda e das velhas preocupações da economia política; rejeição do conhecimento “totalizante” e dos valores “universalistas”, em benefício da ênfase na “diferença”, em identidades particulares diversas como gênero, raça, etnicidade, sexualidade e em várias opressões e lutas particulares e separadas; insistência na natureza fluida e fragmentada do eu humano que toma as identidades de tal modo variáveis, incertas e frágeis, que é difícil ver como se pode desenvolver o tipo de consciência capaz de formar a base para a solidariedade e a ação coletivas fundadas numa “identidade” social comum (como a classe), numa experiência e em interesses comuns - uma exaltação do “marginal”; e, repúdio das “grandes narrativas”, tais como as ideias ocidentais de progresso, incluindo as teorias marxistas da história.

Wood (1996, p. 122), em defesa do materialismo histórico, ainda discute quatro implicações prejudiciais aos debates sobre economia política da aplicação dos preceitos pós-modernos. Primeiro, a insensibilidade histórica de análise da sociedade, que implica em renunciar a qualquer ideia de processo e causalidade histórica inteligível e, com isso, a toda ideia de “fazer história”. Segundo, o pessimismo político, pois uma vez que não há sistemas ou história suscetíveis de análise causal, não é possível chegar às raízes dos muitos poderes opressores. Terceiro, não se pode aspirar a algum tipo de oposição unificada, de emancipação humana geral, ou mesmo de contestação geral do capitalismo, do tipo em que os socialistas costumavam acreditar; o máximo que pode acontecer é um conjunto de resistências particulares e separadas. E quarto, otimismo da prosperidade e das possibilidades capitalistas, pois os pós-modernos têm uma visão do mundo ainda calcada no período próspero do capitalismo cujo traço dominante é o ‘consumismo’, a multiplicidade de padrões de consumo e a proliferação de “estilos de vida”.

Considerações finais

Após o aprofundamento da discussão sobre a pós-modernidade – sua origem, características e concepções sobre sociedade e desenvolvimento – se percebe que a crítica se baseia essencialmente na negação do projeto moderno, mais precisamente da racionalidade. É ainda mais preocupante na perspectiva do materialismo histórico, pois com a negação do capitalismo e das teorias que lhe fazem oposição fica impossível a concepção de um projeto para o desenvolvimento da sociedade que compreenda a superação da exploração dos trabalhadores pelo capital.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

A pauta fragmentada, minoritária e até despolitizada afasta cada vez mais a esquerda das suas convicções fundantes. A luta de classes é rebaixada ou até ignorada, como se não existisse, como se fosse algo do passado ou como se a opressão burguesa não fosse mais forte do que a opressão intraclasse. Ninguém mais toca em luta de classes, nem ao menos menciona a revolução. A intelectualidade da esquerda pós-moderna se afasta cada vez mais da classe trabalhadora, assim, as teorias pós-modernas acabam prejudicando os estudos sobre economia política, bem como suas perspectivas de desenvolvimento.

Como visto, é consenso entre os marxistas que se trata de um fenômeno de classe, mais precisamente, um movimento característico de parte dos intelectuais de esquerda. Como esse movimento irá se desenvolver nos próximos anos é uma incógnita. Na perspectiva dos autores marxistas ele está em crise, pois conta cada vez menos com as condições materiais que lhe servem de base, devendo se dissolver na medida em que esses intelectuais também são penalizados com o declínio das taxas de lucro do capitalismo do “bem-estar” e ascensão do neoliberalismo. Assim terão de buscar novamente por maneiras de fazer oposição ao capital. Com isso, apesar dos prejuízos, é esperado que esse fenômeno seja uma aprendizagem aos intelectuais da esquerda, a fim de que, independentemente da situação socioeconômica, persistam no método de análise baseado no histórico das condições materiais.

Referências

BEZERRA, Cristina. Simões. Modernidade e pós-modernidade: formulações Conceituais E Desafios Teóricos. In: **Anais do XIX Seminario Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social**, Guayaquil, 2009.

CONCEIÇÃO, Anderson dos Reis. Ensaio sobre o Pensamento Pós-moderno In: **VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas**, São Luís, 2017.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EVANGELISTA, João E. **Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRAGA, Marcus Vinicius. Os não lugares não existem: uma visão crítica na pós-modernidade. **Revista ponto-e-vírgula**. v.10, p. 245-259, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 24.ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

JOVINO, Wildiana Kátia Monteiro. Crítica à desconstrução da política na pós-modernidade. **Revista Dialectus**. v. 2, n.5 p. 25-36, 2014

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo. Desenvolvimento, pós-estruturalismo e pós-desenvolvimento: a crítica da modernidade e a emergência de 'modernidades' alternativas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n.75, p. 149-162, 2011.

SÁ, Marcio Gomes de. Pós-modernidade!? Dimensões e reflexões. **Caderno Pós Ciências Sociais**, v. 3, p. 41-60, 2006.

WOOD, Ellen Meiksins. Em defesa da História: o marxismo e a agenda pós-moderna. **Crítica Marxista**, São Paulo, v.1, n.3, p. 118-127, 1996.



OBSERVADR

